

A Terra do Nunca

*Ser poeta é ter paixão
É sentir de dor, o espírito
É um todo coração
Viver sempre dividido!*

R Mauro



*N*osso R Mauro passou por esta vida ... e VIVEU,
como assim determinou o poeta.

R Mauro era parte Drummond, parte Sartre, mas era todo Borges,
seu preferido em “Ficciones”.

Mais do que amante, R Mauro era um compulsivo pelos literatos. Sem ele,
não teria conhecido a “Pequena Mosca” de William Blake. Tampouco teria
me interessado devidamente por Albert Camus, Mário Quintana, Patativa
do Assaré. O livro de Papai, Memorial Alegrete, jamais teria sido escrito
sem sua influência e amizade; testemunho do surrealismo multicolor com que
grifou sua caminhada.

Espécie de Chaplin da Barão do Rio Branco, esquina do Cine Art no tempo
dos “Rabos de Burro”, R Mauro imitava tudo, a arte, a vida ... imitava arte
de sua própria vida!

Era só pedir que ele, com suas mãos, imitava o trombone, o violino, os pratos. Imitava uma orquestra tocando estes instrumentos simultaneamente, com a mesma facilidade com que tomávamos banho de bica na Domingos Olímpio ou jogávamos bila nas coxias da Cimaipinto.

Era só pedir que ele versejava sobre Dr. Batérico da Meton de Alencar, o primeiro astronauta cearense, sobre o Bodinho da Praça do Ferreira, sobre o padrinho Boanerges Sabóia, Diretor do Liceu do Ceará, ou sobre os “sebos” do centro da cidade com os quais mantinha semanal cumplicidade.

Com R Mauro, partem nossos encontros no L’Escale, na Praça do Ferreira, toda sexta noite adentro, com passagem obrigatória no pagode da Dona Mocinha.

Ficam, no entanto, seus versos, rompantes estratosféricos, os quais creditava a “não sei quem”, que sempre relutou em escrevê-los.

O registro de sua poética neste livro foi construído a partir de fragmentos de papel, descobertos pela teimosia carinhosa de irmãos e filhas na **Terra do Nunca**, seu quarto enigmático, onde amontoava livros e mais livros, adornado de mil e um catados souvenirs, arrodado por mirabolantes e não necessariamente patenteáveis invenções, resultadas do pó mágico que emanava de sua, às vezes indecifrável, mente criativa.

Dentista, filósofo, poeta, escritor, artista?

Mais do que isso! R Mauro, a exemplo de seus heróis Borges, Drummond e Sartre, era um terráqueo existencialista que denunciava com um indisfarçável desdém o besteiro “SUBREPTÍCIO, HERMENÊUTICO, ECLÉTICO”, como costumava dizer, do reles cotidiano humano, apoteótico nos medíocres que se aproveitam como se dele dono fossem, vulgarizando a real essência divina com suas ambições temporais, vilmente representadas pelo ouro dos metais, senão impregnadas de vaidades.

... E nos mandava ler Eclesiastes!